

jetos podem ser simplesmente “colocados” à vista. Problemas técnicos também provam que a dramaturgia é mais do que o encadeamento de informação. Isso é o que descreve John Sanborn ao falar do seu filme *Paul is dead*, concebido para a internet. Ele teve que adiar o projeto, pois a banda larga de sua conexão ainda não era suficientemente grande. Ele não levou o problema muito a sério e diz: “Pecamos naquela época por sermos prematuros e também por não adaptar-

mos a mensagem ao meio” (p. 191).

Em geral, os artigos não teorizam. Eles descrevem conceitos e execuções de projetos interativos de forma lógica, considerando as diversas ilustrações. O livro dá uma boa idéia da tarefa e da complexidade da dramaturgia interativa, assim como constitui um material para mais pesquisas teóricas.

*Britta Neitzel*

*Tradução de Lucia Santaella*

GERHARD JOHANN LISCHKA E PETER WEIBEL (EDS.)

DIE KUNST DER MEDIEN, DIE MEDIEN DER KUNST. Bern: Benteli, 2004, 219 pp. ISBN 3-7165 1360-1.

Em *A arte das mídias, as mídias da arte*, uma coletânea de ensaios em alemão, francês e inglês, Lischka, professor na Escola de Arte de Berne, e Peter Weibel, artista e extraordinário diretor do ZKM (Centro de Arte e Tecnologia das Mídias) em Karlsruhe apresentam o estado da arte das obras midiáticas. O ensaio de abertura de Lischka é uma tentativa de redefinição dos conceitos de mídia e arte, particularmente da combinação entre a arte midiática e da mídia artística em uma cultura global. Colocando-se contra a corrente de um “Estilo Global” mundializado ou singular dos estereótipos e clichês dos meios de massa, ele argumenta em favor de alternativas multivocais e multiperspectivistas, que podem englobar várias culturas e pontos de vista diversos. No seu ensaio de conclusão, Peter Weibel defende a

idéia de que as novas mídias tecnológicas (vídeo e computador) e as antigas (fotografia e filme) não apenas deram início a novas direções na arte, criando novas mídias artísticas, mas também estão exercendo uma influência fundamental nas mídias históricas tais como a pintura e a escultura. A seu ver, a condição da prática artística do presente deve ser considerada como “pós-midiática” visto que não há uma só mídia dominante, mas sim uma interação constante entre todas as mídias.

Entre esses dois ensaios, o inicial e o final, há quatro contribuições alemãs, uma em francês e três em inglês. Gernot Böhme discute a imagem e seu meio a partir de um ponto de vista basicamente e – surpreendentemente – não semiótico. O interessante ensaio de Bernhard Siegert “Too high fidelity” investiga o espa-

ço entre as mídias e a arte e a problemática da mimese por meio do exemplo das figuras de cera que parecem anular a distinção entre signo e objeto. Enquanto Dieter Daniels discute os paradoxos da arte midiática e Thomas Feuerstein o crescimento da narrativa e discursividade nela, a contribuição de Maurizio Lazzarato em francês lida com o problema do poder que a centralização financeira e os monopólios tecnológicos impõem à arte. Christiane Paul, curadora do Whitney Museum em Nova York, discute como a nova “arte midiática”, embora não tenha reformatado radicalmente a conexão entre arte e mídia, tenha, de fato, aberto um campo de engajamento e agenciamento artístico. Sylvie Blocker, videoartista, considera como a arte pode reconsiderar a idéia de comunidade em

uma sociedade massificada que destrói a singularidade e a individualidade. Judith Barry, artista performática e de vídeo, revê os problemas da arte midiática como parte da vanguarda da produção de imagens, na medida em que esta sempre faz uso da mídia dominante. O que pode porventura se perder se a arte se mover para perto da cultura popular? ela pergunta.

Conforme esta breve resenha tenta demonstrar, esta é uma coletânea variada e internacional de diversos aspectos da interação entre arte e mídias que tematiza tanto os assuntos tradicionais quanto as questões emergentes nas mídias e artes.

*Christina Ljungberg*

*Tradução de Lucia Santaella*

MARIA BEATRIZ DE MEDEIROS (ED.)

ARTE E TECNOLOGIA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA. Brasília: Dupligráfica Editora, 2002, 328 p.

O filósofo das mídias Vilém Flusser define o ser humano pela comunicação e chama de “cultura” o uso humano de símbolos organizados em códigos. Em tempos de cultura digital, é possível observar novos parâmetros comunicacionais, símbolos e códigos proporcionados nas convergências entre arte e tecnologia, diferentes dos gestos e símbolos culturais progressos. Para alguns, mais do que observar, é preciso evidenciar, mapear e teorizar essas novas vertentes expressivas. Parece ser este o principal

motivo que move Maria Beatriz de Medeiros na organização do livro *Arte e tecnologia na cultura contemporânea*, uma coletânea de autores, que abrange uma importante face desses conteúdos e reflexões na passagem do século 21.

Os textos elucidam as relações existentes entre o ser humano e as máquinas como códigos que dialogam entre si. Sob este ponto de vista, problematizam o estatuto do corpo e da vida na chamada era “pós-biológica”.

Dividido o livro em quatro partes,

seus conteúdos giram em torno de 1) cultura e sociedade tecnológica, 2) as interfaces corpo e tecnologia, 3) performances no ciberespaço e 4) questões midiáticas contemporâneas. Elaborados por cerca de quarenta autores, os artigos refletem a busca da compreensão do estado do fazer – fazer artístico e científico – da criação em novas tecnologias. Trata-se, na maioria das vezes, da visão de artistas-pesquisadores que desenvolvem estudos sobre o campo em que exercem suas práticas artísticas. No entanto, é notável também a presença nesta coletânea de teóricos que – como bússolas – norteiam e avaliam o pensamento existente hoje no campo do corpo em suas manifestações midiáticas.

Os pontos principais e mais significativos são desenvolvidos, no primeiro caso, por pesquisadores-artistas como Diana Domingues, Gilberto Prado, Tânia Fraga, Anna Barros, Renato Cohen, Lali Krotoszynski, Suzete Venturelli, Johannes Birringer e a própria Maria Beatriz Medeiros. E, no segundo caso, são desenvolvidos por teóricos como Lucia Santaella, Evando Nascimento, João Gabriel Lima Cruz Teixeira e Bernard Stiegler.

Vale a pena ressaltar que as questões corpo-arte-tecnologia adquirem uma maior complexidade e discussão crítica a partir da presença de dois artigos que podem ser considerados semi-

nais para a compreensão dos conteúdos gerais do livro: o artigo “O Corpo cibernético e o advento do pós-humano” de Lucia Santaella e o artigo “Limites da arte e da tecnologia: em desconstrução” de Evando Nascimento.

Enquanto Santaella coloca o corpo humano sob interrogação, teoriza sobre a profunda crise de subjetividade que estamos atravessando e elabora uma visão semiótica e psicanalítica acerca dos novos desafios comunicacionais entre o ser humano e as máquinas, Nascimento oferece-nos um contraponto filosófico desconstrutor em torno a essas questões. De certa maneira, ele faz uma interpretação divergente ao chamar a atenção para os riscos políticos de assepsia e domesticação envolvidos nos processos de subjetivação com os meios tecnológicos, pedindo, para tanto, uma redimensão crítica desses pressupostos no contexto cultural.

Arte e tecnologia, em pontos de vistas diversos, porém complementares entre si, imprimem neste livro as traduções mais latentes da contemporaneidade. É sob a lógica das redefinições e reconfigurações que se mapeiam aqui os novos símbolos e códigos do homem em suas relações com a comunicação, com a vida e com o corpo nas interfaces com as máquinas digitais.

Christine Mello

LUCIA SANTAELLA

CULTURAS E ARTES DO PÓS-HUMANO: DA CULTURA DAS MÍDIAS À CIBERCULTURA. San Pablo: Paulus, 2003, 360pp. ISBN 85-349-2101-6.

Sou obrigado a confessar que, em uma primeira leitura desse livro, logo em seu lançamento, acabei por atravessar verticalmente os primeiros capítulos, e fui logo ao encontro dos capítulos que me interessavam. Mal podia esperar para ler esse livro que se propunha como uma continuação do ícone *Cultura das Mídias* (1992, 1996). Os capítulos, de um a sete, aparentemente abusavam de seu direito de traçar panoramas gerais. Sem merecer os panoramas que a professora Lucia Santaella consegue traçar em seus livros, tenho de considerar que eles pouco são se comparados às suas hipóteses e abordagens iluminadas, ou ainda à crítica sagaz que a autora faz, hoje quase sempre nas entrelinhas, aos intelectuais de rodapé e à ciência institucionalizada. Não tenho dúvidas de que seus panoramas e resumos não-reducionistas sejam de extrema ajuda aos estudantes, especialmente na graduação, e a sua bibliografia cirúrgica é referência obrigatória para mestrandos e doutorandos. Aliados ao seu estilo elegante e ao mesmo tempo claro de escrever, devem ter sido responsáveis pelo prêmio Jabuti dado ao seu livro anterior *Matrizes da Linguagem e do Pensamento* (2001).

É no oitavo capítulo que a autora apresenta-nos sua minuciosa classificação sobre “as múltiplas realidades do corpo”, que, embora apresentadas como “tão somente um levantamento”, são

posteriormente desenvolvidas no capítulo 12. As artes do corpo biocibernético, sob o norte que somente as artes conseguem nos apontar, fornecem uma importante chave para entendermos o pós-humano.

Nos dois capítulos seguintes, começa a retornar a autora de *Cultura das Mídias*, menos professora e mais crítica e pesquisadora. No capítulo sobre semiótica, reforça sua tese sobre o cérebro humano estar crescendo para fora da caixa craniana através dos signos produzidos pelas máquinas sensoriais e agora pelas máquinas cerebrais. No capítulo seguinte, retoma a semiótica psicanalítica com o alvo dirigido para o atual objeto de culto da pós-humanidade: o corpo. Infelizmente tais capítulos acabam com aquele gosto de “quero mais”, e a autora fica nos devendo um esmiuçamento maior de ambos. Por sorte em 2004, a autora cumpre parte de tal dívida com o livro *Corpo e Comunicação – Sintoma da Cultura*.

Por fim, sou obrigado a declarar a minha saudade das críticas pontuais apresentadas no *Cultura*, mas esta continuação não decepciona, e pode ser considerada uma das obras chave para se entender a passagem do pós-moderno ao pós-humano, com a vantagem de mostrar que fora do eixo Europa-USA, também acontece o pós-humano.

Roger Tavares